

Democracia em risco nos endividados

O próprio Banco Mundial é que chegou a esta conclusão, num documento divulgado ontem. A situação regrediu aos níveis da década de 70.

WASHINGTON — Os problemas causados pela dívida externa nos países do Terceiro Mundo já começam a colocar em risco a sobrevivência de democracias mais novas e frágeis, com a deterioração do sistema político e social. Se partisse de um país endividado, a afirmação seria encarada como um argumento de negociação. Mas quem opina desta forma é o próprio Banco Mundial, através de um documento divulgado on-

tem, no qual é analisada a situação da dívida no Terceiro Mundo, em Washington.

Ao distribuir o relatório elaborado pelo banco, o diretor do Departamento de Economia Internacional, Jean Baneth, garantiu que os estudos mostram que a renda, o consumo e os investimentos nestes países endividados retrocederam aos níveis dos anos 70 — para os países mais

pobres da África, o retrocesso foi ainda pior, chegando ao mesmo em que estavam na década de 60.

Por isso, Baneth não tem dúvidas em afirmar que a crise causada pela dívida externa "ameaça a sobrevivência de várias democracias novas e frágeis, mas, em outro sentido, amplia a permanência de regimes que descartam a confrontação em favor da cooperação". Segundo ele, o problema não é grave apenas pelo aspecto humano, mas ganha maiores proporções porque "os pobres sofrem a maior carga e estão com seus níveis de renda mais baixos do que uma geração atrás, o que também leva a uma situação potencialmente destrutiva, social e politicamente".

Segundo o relatório do Banco Mundial, apesar de nos últimos cinco anos os juros e dívidas terem sido reescalados, com aplicação de políticas de ajustes, nenhuma nação do Terceiro Mundo conseguiu aliviar os seus gastos com a dívida externa. Ao contrário, o que se verifica é um crescimento da carga exigida pela dívida em relação ao Produto Interno Bruto dos países e suas exportações no ano passado, "sem que nenhuma evidência tenha aparecido indicando a reativação do refinanciamento comercial".

SEXTO ANO DE CRISE

Jean Baneth explicou que a crise atual entra agora em seu sexto ano e não só não há perspectiva de solução

para a questão da dívida, como a situação tem piorado muito. Ele afirmou que o Banco Mundial não prevê recessão em 1988, "mas com toda certeza o crescimento econômico vai continuar caindo, tendência que deve manter-se em 1989".

De acordo com o cálculo do Banco Mundial, a dívida externa do Terceiro Mundo atingiu, em 87, US\$ 1,19 trilhão, cerca de 2,5% superior a 86, devendo crescer para US\$ 1,24 trilhão até o final de 88. Em 87, o fluxo de novos empréstimos (descontados os juros) para estas nações chegou a US\$ 26 bilhões, com um ligeiro aumento em relação a 86, mas 40% a menos do que a média verificada no período de 78 a 83.

De acordo com o relatório do Banco Mundial, o Brasil continua sendo o país da maior dívida, com US\$ 114,5 bilhões. No período que vai até 89, o Brasil terá de pagar US\$ 61,4 bilhões, tendo neste período US\$ 20 bilhões em juros. O segundo lugar é ocupado pelo México, com uma dívida que chegou a US\$ 105 bilhões. Somente a América Latina é responsável por US\$ 380 bilhões da dívida externa total, mantendo a posição de região mais endividada do mundo. O documento ainda mostra a depreciação das dívidas dos países: o Brasil, em junho de 86, tinha cada dólar de sua dívida sendo comprado com 75 centavos. Em setembro de 87, este valor caiu para 39 centavos.